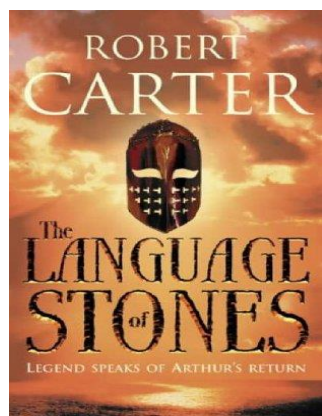




RECENSÕES CRÍTICAS



SÍLVIA CABRAL ALARCÃO,
A LINGUAGEM DAS PEDRAS (2005), TRADUÇÃO
DE
THE LANGUAGE OF STONES (2005) DE
ROBERT CARTER

"A virtude de viajar não é chegar apenas a um lugar qualquer,
é reunir o néctar suficiente para alimentar os pensamentos de um homem."

(Fala de Gwydion, p. 166)

Qualquer leitor que professe o culto dos subgêneros fantástico e maravilhoso, deleitando-se com as obras de, por exemplo, J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis, Marion Zimmer Bradley, Jean-Louis Fetjaine, Stephen Lawhead, Juliet Marillier, J. K. Rowling ou, entre nós, Sandra Carvalho e Filipe Faria, iniciará com expectativa a leitura de outras de inspiração congénere. É um salto no escuro; esse leitor corre o risco de se despenhar, se o autor, mesmo se consagrado pelo *marketing*, não lograr abrir uma porta para viagens e universos além do mundo empírico, incorporando ou recuperando mitologias e imaginários.



RECENSÕES CRÍTICAS

A Linguagem das Pedras, de Robert Carter (2005),¹ não irá decepcionar-nos. Logo nas primeiras páginas, o leitor acompanha o protagonista, Willand, como testemunha interessada no périplo d' "este filho de Beltane" que, embora contrariado pela imposição de deixar a segurança do Vale, magicamente protegido por Gwydion, para seguir o seu mentor, supera a pulso firme as provas que o habilitarão a ser um catalisador de mudança no mundo em desagregação, depredado pelo egoísmo e pela cupidez desenfreados das elites, sob o governo túbio de um rei indiferente à luta entre os barões. Recria-se um reino que não é a verdadeira Grã-Bretanha do século XV, embora inspirado nela, pois a magia flui nas veias da terra. O povo, sobretudo o rural, que tem a coragem de honrar os Costumes Antigos, ministrados pelos venerandos Druidas, mágicos e Homens e Mulheres sábios, talvez se salve, se sobreviver à voragem desmedida dos nobres e do clero; estes, identificados como "Os Sem Visão" apostados em propagar "A Grande Mentira", aniquilam e/ou desvirtuam sistematicamente a Antiga Sabedoria, transfigurando as cerimónias druídicas, que celebravam a ligação sagrada entre os Homens e a Natureza, em rituais ocultos da religião oficial e impondo-se pelo gume do terror, legitimado pelos detentores do poder.² Se o rei desposou a terra e ambos formam um só, este usurpador não cumpre o seu dever; inversamente, Will, aprende a sintonizar-se com o ritmo da Terra, com as suas linhas de poder e os segredos das pedras guardiãs.³ A salvação só será viável se Will e Gwydion realizarem com sucesso a demanda das pedras malditas, impedindo o flagelo da guerra, acalentada pelos poderosos como uma estratégia para a

¹ Este é o primeiro volume de uma trilogia, que o autor designa por "(...) mythic historical cycle because is linked to British historical mythology." Em Portugal, porém, os restantes não terão sido publicados e a obra, segundo informação prestada pela Livraria Bertrand, encontra-se descontinuada.

² "Eles roubaram os melhores locais do reino e poluíram-nos - disse amargamente o mago. – Bosques sagrados, cromeleques e dólmens, destruíram tudo. Eles não compreendem nem amam a terra..." (p. 198). "Os Sem Visão procuram enganar o povo, afastá-lo do verdadeiro conhecimento e governá-lo com o chicote do medo e da falsidade." (p. 356)

³ Uma abordagem interessante a desenvolver seria relacionar a obra de Carter com o trabalho de Paul Devereux, 1993.



RECENSÕES CRÍTICAS

obtenção de mais poder e riqueza, incapazes de descortinar que esta, orquestrada pelo malévolo e poderoso feiticeiro Maskull e coadjuvada pelas Pedras de Guerra, poderá ter consequências inimagináveis.

O romance prende-nos pelo poder das descrições, que nos catapultam para ambientes e cenários habitados por personagens credíveis e bem retratadas, algumas encantando-nos pelo imprevisto dos seus móveis e acções. À medida que as peripécias se sucedem, interrogamo-nos sobre a verdadeira identidade de Will, em quem Gwydion parece rever "O filho da Profecia". Este órfão de treze anos sofrerá uma gradual aprendizagem, sob a égide do mago: "se tu fores o Filho do Destino, então terás de ser protegido da influência de Maskull. Já percebeste?"⁴

Ao longo da narrativa, acumulam-se, reveladores, os sinais: Will, com "o coração gelado", enfrenta, à noite, no "Bosque do Pescoço Cortado", presenças fantasmagóricas. Só, dominando o medo, reconhece em si uma força serena, aliada à intuição, compreendendo que, ao transpor o local sagrado, terá de reverenciar os seus habitantes; intrépido, passa a prova, pelo que lhe cabe o prémio de se encontrar na presença do *Green Man*. Progressivamente o jovem entrega-se ao fascínio, por vezes intimidante, da magia, descortinando espectros e outros seres, dominando feitiços e descobrindo o seu verdadeiro Dom; paralelamente, aprende a viver no mundo tão diferente do Vale; revela-se altruisticamente capaz de enfrentar os piores terrores para salvar, com risco de vida, socorrendo-se da magia, um amigo, sob o fascínio da Pedra do Dragão. (p. 187)⁵ Quanto a Gwydion, este provará não ser um homem como os demais, sem qualquer vestígio de vaidade ou arrogância, mas alguém munido de uma profunda sabedoria ancestral e humana,

4 "Tens de ser preparado para poderes cumprir o teu destino. A ideia era grandiosa, terrível. Will queria esconder-se dela. - Mas... e se eu não quiser ser *preparado*? - O que tu queres não é para aqui chamado. Tens de ser preparado, é uma das minhas tarefas..." (p. 98)

5 "Era tudo muito diferente do Vale, onde todos olhavam uns pelos outros e o respeito de um homem - bem como o respeito por si próprio - dependia muito da sua capacidade de ajudar os outros." (p. 243); "A guerra era uma coisa horrível, provocada pela ganância dos nobres e durante a qual o povo sofria e morria." (p. 311)



RECENSÕES CRÍTICAS

evidenciando uma reverente e íntima comunhão com os animais e a natureza, dominando a linguagem sagrada e, através dela, subjugando os elementos e transfigurando pessoas e animais. Gwydion é um mestre na arte da ilusão e da persuasão; locomove-se, e ao seu pupilo, para além do tempo e do espaço; como ele próprio explica, embora dotado de clarividência e do dom da profecia, não é onisciente, onipotente ou imortal, mas alguém que ultrapassa as fraquezas e os obstáculos ao serviço de um ideal que o transcende, apelando ao poder do conhecimento; só mais perto do final colocaremos a hipótese de Willand poder ser uma reencarnação de Artur e Gwydion de Merlin.

Saliente-se que Robert Carter parece conhecer a mais ancestral religião da terra --- o xamanismo ---, que influenciará decisivamente, quer o misticismo celta, quer o druidismo. Magia, para Gwydion, é viver em harmonia com a natureza, as plantas e os animais, com quem dialoga; os xamãs ensinam que todos temos um espírito, pelo que podemos comungar/dialogar com os restantes seres; nunca deveremos servir-nos das dádivas da natureza sem respeito ou moderação, solicitando consentimento à árvore antes de lhe cortar um ramo ou honrando o animal caçado por necessidade; os ignorantes, por ganância, dizimam a natureza, aniquilando as árvores e caçando por desporto. Respeitar a terra, estar em consonância com os seus ciclos e estações, celebrá-los e procurar viver em perfeita harmonia com os outros e o cosmos é a filosofia do xamanismo.⁶

⁶ "A terra dá livremente aquilo que um homem sábio precisa e agarra-se ao que os loucos não devem possuir. (p. 117); "Em seguida, [Gwydion] dançou, deu alguns passos e voltou a dançar. (...) o mago varreu as cinzas da fogueira e espalhou-as (...) parecia agradecer à erva por os ter recebido tão bem" (p. 106); "(...) estás [Will] mais ligado com o espírito deste lugar sagrado do que eu esperava." (...) O procedimento era ritual, um dever sagrado e solene, (...) para assinalar a generosidade da terra, ocasião para as pessoas darem graças." (p. 112); "(...) Gwydion tentava ensinar a Will os truques [falha da tradução, *skills*?] da abertura da mente. (...) os nossos sentidos são limitados (...). Tens de aprender a deixar cair as barreiras que te impedem de ver o mundo como ele é na realidade." (p. 362); "Aquele que se envolve com a magia deve sentir a verdade no coração." (p. 58); "A verdadeira força nunca prejudica a beleza ou a harmonia, confere-a." (p. 59)



RECENSÕES CRÍTICAS

São de lamentar as deficiências, algumas delas graves, a nível da tradução e/ou revisão final. A versão portuguesa recorre a registos e níveis de língua por vezes inadequados ao contexto, utilizando excessivos coloquialismos, como "toda a gente", "giro", etc. O autor e a narrativa sobrevivem à prova de fogo da tradução.

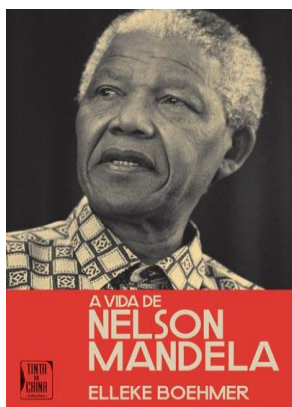
Referências:

Carter, Robert, *A Linguagem das Pedras*. Tradução de Irene Daun e Lorena e Nuno Daun. Lisboa: Bertrand Editora Lda, 2005 (*The Language of Stones*, 2004).

Devereux, Paul, *O Xamanismo e as Linhas Misteriosas*. Lisboa: Editorial Estampa, col. "Espelho Mágico", 1993.

Entrevista em <https://www.smashwords.com/interview/RobertCarter>.

www.languageofstones.com



TERESA PINTO COELHO,
A VIDA DE NELSON MANDELA (2014), TRADUÇÃO DE
NELSON MANDELA. A VERY SHORT INTRODUCTION (2008) DE
ELLEKE BOEHMER

Elleke Boehmer, *A Vida de Nelson Mandela* (Lisboa: Tinta-da-China, 2014).